

“Globalismo”: o discurso em política internacional sob a ideologia da nova extrema direita brasileira

“Globalism”: the discourse in international politics under Brazil’s new far right ideology

Lara Pontes Juvencio Pena*

Resumo

Este trabalho se debruça sobre a utilização do termo globalismo enquanto slogan político da nova extrema direita brasileira e do governo de Jair Bolsonaro. Para isso, buscamos seus significados por meio de teóricos do tema, assim como a ligação direta entre globalismo e “marxismo cultural”. Logo, analisamos o surgimento e o uso do termo como parte da política de Donald Trump e do novo movimento político “alt-right”. Por fim, seguiremos o caminho do termo ao chegar ao Brasil, tendo como grandes propagadores do termo personagens como Olavo de Carvalho e Ernesto Araújo, todos parte importante do governo de Jair Bolsonaro. Analisaremos a instrumentalização do termo nos discursos de extrema direita por meio de artigos acadêmicos e livros, assim como por notícias diretamente relacionadas aos casos expressos.

Palavras-chave: Globalismo. Extrema Direita. Alt-Right. Marxismo Cultural.

Abstract

The present article analyzes the application of the term globalism as a new Brazilian’s far-right and Jair Bolsonaro’s government political slogan. We’ll search its meanings through theorist of the theme, linking globalism and cultural marxism. Then, we’ll analyze the rise and the application of the term globalism as a part of Donald Trump’s politics and the “alt-right”. Lastly, we’ll follow the path of the term upon its arrival in Brazil, having as its biggest propagators characters like Olavo de Carvalho and Ernesto Araújo, all of them important parts of Jair Bolsonaro’s government. We’ll analyze the instrumentalization of the term in far-right’s discourses through academic journals and books of globalism theorists, as well as through news directly related to the expressed cases.

Keywords: Globalism. Far Right. Alt-Right. Cultural Marxism.

* Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Contato: larapontesjuvenciopena@gmail.com

Introdução

Após a eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República do Brasil, o termo globalismo surgiu nos discursos do novo governo em matéria de Política Exterior. Com a nomeação do novo ministro de Relações Exteriores Ernesto Araújo, o termo ganhou força, sendo inscrito como base de seu pensamento geopolítico tanto em seus discursos, artigos, como em textos de seu blog pessoal *Metapolítica 17*, blog este que possui como subtítulo a frase: “Contra o Globalismo”. Ernesto Araújo traz o termo globalismo para a política interna do novo governo como sustentáculo do novo pensamento geopolítico brasileiro em poder, assim como uma recusa pela continuidade da política externa considerada esquerdista dos governos anteriores dos membros do Partido dos Trabalhadores Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff.

A globalização enquanto processo mundial se define como um: “processo (ou um conjunto de processos) que incorporam uma transformação na organização espacial das relações e transações sociais, gerando fluxo transcontinental ou interregional e redes de atividade, interação e poder.” (HELD; MCGREW et al., 1999, tradução nossa).¹ Já o globalismo, segundo Olavo de Carvalho, caracteriza-se enquanto um projeto de unificação mundial de ambições globais em busca de um governo de poder global. Olavo define globalismo como: “o processo mais vasto e ambicioso de todos. Abrange a mutação radical não só das estruturas de poder, mas da sociedade, da educação, da moral, e até das reações mais íntimas da alma humana.” (CARVALHO, 2009). Ou seja, o fator globalização como um meio de controle mundial a fim de implementar uma nova ordem administrativa mundial. Utilizando-se também desse sentido do termo, Ernesto Araújo, na seção de apresentação sobre ele mesmo em seu blog, denomina globalismo como: “a globalização econômica que passou a ser pilotada pelo marxismo cultural. Essencialmente é um sistema anti-humano e anti-cristão.” (ARAÚJO, 2018).

Desta forma, a incidência do globalismo surge como uma negação da globalização, sendo globalismo um termo cunhado para denominar a globalização por um viés negativo, a globalização não como uma aproximação e troca entre diversas nações, mas como

1 A process (or set of processes) which embodies a transformation in the spatial organization of social relations and transactions, generating transcontinental or interregional flows and networks of activity, interaction and power.

um apagamento das fronteiras culturais e econômicas de cada país, um distanciamento fatal do Estado-Nação.

No pensamento geopolítico do governo de Jair Bolsonaro, especialmente pelos discursos cunhados por Ernesto Araújo, a palavra ganha não só um significado de negação da globalização, mas de alcances mundiais de um conflito entre políticas de esquerda e de direita. Globalização esta nociva e de cunho esquerdista, tornando-se assim, globalismo. Na política interna brasileira dentro do governo Bolsonaro, o globalismo ganha personagens que fazem parte do discurso geral deste governo, sendo a recusa do globalismo também uma rejeição de supostas teorias marxistas implantadas por simuladas doutrinações marxistas: "onde professores sub-marxistas tentam criar pequenos militantes facilmente manobráveis, os brasileiros sem instrução têm amor ao Brasil, um amor incondicional e absurdamente esperançoso" (ARAÚJO, 2018).

O globalismo surge no cenário político brasileiro não de forma afirmativa, mas como uma negação-de-si. No Brasil, a utilização do termo globalismo tende a ser mais comum pelas pessoas que o recusam, sendo praticamente inexistente sua utilização enquanto afirmação positiva do mesmo, principalmente quando falamos de discurso político voltado ou realizado pelas massas. O termo globalismo tem como parte importante de sua estrutura o fato de existir como crítica e renúncia da globalização, assim como uma rejeição de uma forma de governo e de política internacional em particular.

O cunho do termo globalismo enquanto slogan político da nova direita se instaura primeiramente na candidatura de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, situação política esta da qual o globalismo servia como personagem antagonista ao lema "*America First*" de Donald Trump (HENNIGAN, 2018), angariando e inspirando sentimentos nacionalistas nos cidadãos norte-americanos, servindo, assim, como ação política do mesmo.

Em nosso estudo sobre o significado, a trajetória e uso enquanto força política da nova extrema direita do termo globalismo, analisaremos este problema atual por meio de notícias e artigos jornalísticos relativos a este modo e pensamento de fazer-política, utilizando destas notícias para analisar o novo discurso político que surge em nossa atualidade. Acompanharemos o termo globalismo desde seu surgimento nos discursos de Donald Trump até sua chegada ao Brasil ensejada pelo pensamento do brasileiro Olavo de Carvalho, levando em consideração suas confluências com a nova

extrema direita potencializada por Jair Bolsonaro. Perpassaremos também pelos discursos e textos realizados pelo maior propulsor deste pensamento no governo brasileiro, o ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo.

Globalismo enquanto teoria do colapso do sistema de globalização

A palavra globalismo possui diversos significados, e nenhum é tido como o significado especialmente correto. Observamos, assim, que globalismo é um termo de significado vago, por isso, ao fazer parte de slogans políticos, segundo Jan Blommaert: “faz parte de uma estratégia do discurso político” (BLOMMAERT apud GRAGNANI, 2019).

Neste trabalho iremos analisar o sentido de globalismo enquanto slogan político utilizado pela nova extrema direita, com foco em sua utilização dentro do âmbito da política e do governo de Jair Bolsonaro. Entretanto, devemos mencionar algumas de suas definições envolvendo diferentes contextos teóricos.

Nos estudos de alguns teóricos, o termo globalismo aparece como uma ideologia da globalização que se foi levada a ser creditada como inevitável e de grande potência. Desse modo, a palavra globalismo surge em análises por meio de estudos sobre o colapso desta ideologia, assim como sobre a falha do sistema neoliberal que a encapsula.

A globalização, como sistema tecnocrático e de idolatração do mercado, aparece como um sistema que está sendo negado por vários movimentos em escala mundial. Afirma-se a percepção e a recusa de grupos populacionais – ou até mesmo de países inteiros, como por exemplo alguns países da América Latina, da África e da Ásia – do processo de globalização, principalmente relativos aos seus desdobramentos econômicos. Seus personagens ativos aparecem como corporativistas sem fronteiras que desviam o poder de decisão e de controle do estado interno em razão de interesses exteriores menos significantes a população, influenciando, assim, o renascimento do nacionalismo em seus povos e em suas propostas políticas (SAUL, 2005).

Como modo ideológico do processo de Globalização, Manfred Steger (2004) afirma que o globalismo envolve: “uma ideologia de mercado que atribui aos processos atuais de globalização normas neoliberais, valores e significados.” (STEGER, 2004, tradução nos-

sa).² A globalização que outrora foi tida como inevitável e irreversível, no termo globalismo encontra maiores dificuldades, ilustradas mais claramente após o ataque terrorista de 11 de setembro, quando: “os júbilos antecipados do globalista de um mundo sem fronteiras se tornaram em medo sombrio de um mundo sem fronteiras” (STEGER, 2004, tradução nossa).³

Outra teoria do globalismo não assinala sua nocividade enquanto sistema econômico de livre mercado, mas enquanto sistema político de influência política mundial. Tal política internacionalista seria danosa aos sistemas internos de um país, pois teria caráter autoritário-burocrático tomando controle de situações políticas culturais do globo, sem diferenciação de nações. Uma forma de centralização de resolução de problemas ocorridos em qualquer âmbito do globo, de harmonização e conseqüentemente apagamento de diversidades existentes em diferentes países, assim como de desvalorização do estado-nação como representante do povo de um espaço específico, fariam parte do caráter do globalismo, sendo este, mais uma vez, um termo que se apresenta como algo a se opor. Tendo o globalismo influências socialistas-coletivistas, o anti-globalismo seria âmbito do espectro político direitista. Nesta teoria, a globalização econômica de cunho liberal seria positiva (POLLEIT, 2017).

Entre crises econômicas e políticas, conflitos culturais e religiosos, o termo globalismo aparece como perceptor do fim ou da busca pelo fim da globalização enquanto sistema falho de harmonização mundial que deve ser superado ou que está mudando, sendo o termo globalismo pouco usado como afirmação positiva do sistema sem fronteiras de influência político-econômica caracterizada pelo termo globalização.

Segundo o pensamento de caráter conspiracionista do autor conservador americano William S. Lind, o globalismo existe como parte de um fenômeno chamado “marxismo cultural”. Marxismo cultural seria uma ação estratégica geral de implantar o pensamento marxista do âmbito econômico ao âmbito cultural, infiltrando o marxismo ao inconsciente coletivo. As conseqüências dessas tomadas culturais seriam o distanciamento dos valores da fé cristã caucasiana, o desvirtuamento da estrutura familiar tradicional, assim

2 A market ideology that endows current globalization processes with neoliberal norms, values, and meanings (STEGER, 2004).

3 The globalists' anticipated joys of a borderless world turned into dark fears of a borderless world (STEGER, 2004).

como do sistema de mídia e de educação como pela a implantação do processo de educação sexual nas escolas, entre outros. Segundo Lind, o marxismo cultural alcançaria todos os espectros da sociedade, mudando o cenário político mundial em favor de políticas esquerdistas desvirtuosas (MIRRLEES, 2018).

Segundo William S. Lind citado por Magalhães (2018), para os intelectuais marxistas Gramsci e Lukács “a cultura ocidental e a religião cristã cegavam a classe trabalhadora e a para que a revolução proletária triunfasse seria necessário, antes, destruir “super-estrutura” ideológica do Ocidente” (LIND apud MAGALHÃES, 2018). Essa “estratégia” teria ocorrido para os pensadores após os mesmos terem notado que a revolução socialista imaginada por Lênin não teriam se internacionalizado. Entre outras pautas, William S. Lind chega a dizer que Lukács, ao incorporar um programa de educação sexual nas escolas, teria estabelecido um tipo de “terrorismo cultural” (LIND apud MAGALHÃES, 2018). Assim como William S. Lind, autores americanos conservadores como Pat Buchanan e Paul Weyrich, também desenvolveram trabalhos sobre globalismo e marxismo cultural.

Na qualidade de personagem político, o globalismo é visto enquanto dominância ocidental e como ocidentificação do globo (SEN, 2002), ao mesmo tempo que é tido como invasão e degradação de valores do ocidente por culturas e religiões – mais especificamente do fundamentalismo islâmico – do oriente. Segundo Joseph Nye, o termo globalismo: “tem sido usado por líderes nacionalistas-populistas para condenar elites envolvidas em negócios globais, como comércio e instituições internacionais” (NYE apud GRAGNANI, 2019), sendo considerado como notório suposto globalista o investidor-magnata George Soros, devido sua tramitação de investimentos e ações filantrópicas em diversos países. George Soros é tido como gigantesco inimigo de governos como o da Hungria, onde é tido como inimigo da pátria pela política do presidente de extrema direita Viktor Orbán. (BBC NEWS BRAZIL, 2018) Além da Hungria, manifestações contra George Soros já foram realizadas nos Estados Unidos, assim como no Brasil, dentre outros países com influência e movimentos de extrema direita.

Nota-se, de pronto, que o termo globalismo, por ter conotação vaga, é de fácil apropriação para fins constitutivos de discursos de fortalecimento do governo interno, assim como de fortalecimento da criação do inimigo *outro*, e conseqüentemente da geração do medo da bagunça interna que este *outro* estrangeiro pode acarretar.

Origem discursivo-política nos Estados Unidos da América de Donald Trump

Durante a campanha para a eleição presidencial estadunidense de 2016, Donald Trump, candidato do partido Republicano, angariou um eleitorado conservador majoritariamente caucasiano – especialmente localizado no sul dos Estados Unidos – que enxergava na política do ex-presidente Barack Obama do partido Democrata um distanciamento da “verdadeira América” e de seus costumes tradicionais. (GOLDFARB, 2016) Realizando discursos que falavam diretamente com essa população americana que se sentia esquecida em nome de políticas mais progressistas como a política de gênero, políticas essas que ganharam força no fim dos anos 2000 e início dos anos 2010, esse eleitorado viu no empresário/personagem televisivo uma quebra desse Estados Unidos que se distanciava do que já foi, embalados pelo lema de grande força na campanha de Donald Trump: “*Make America great again*”.

Como parte de seu discurso populista, observa-se a criação de um *outro* que desafiava a virtude de seu país, outro este não somente Democrata, mas Democrata de ligações e interesses globais que se sobrepunham ao interesse nacional. Em um de seus discursos de campanha eleitoral no Texas, Donald Trump menciona a pessoa globalista como aquela que “quer que o globo prospere, francamente, não se importando muito com o nosso país.” (CBS NEWS, 2018, tradução nossa),⁴ finalizando que em contra-ponto ao globalista; mesmo que tenha se tornado uma palavra “antiquada”,⁵ Trump não tinha medo de a usar a palavra e de se exclamar como Nacionalista e que todos os estadunidense o deveriam ser (CBS NEWS, 2018).

O termo globalismo é presente nos discursos de Donald Trump mesmo após sua eleição como Presidente dos Estados Unidos da América, assim como em seu governo, do qual personagens tiveram caráter ativo na utilização do termo como algo a ser combatido. Steve Bannon, ex assistente de Trump e ex estrategista-chefe da Casa Branca, se tornou conhecido por seus discursos Nacionalistas, sendo ele um notório defensor de políticas anti-migratórias e do movimento político “*alt-right*” ou direita alternativa, que ganhou grande força nos Estados Unidos tendo Donald Trump como seu personagem político principal. O termo “globalista” enquanto ideologia que visa tomar controle dos

4 A globalist is a person that wants the globe to do well, frankly, not caring about our country so much (CBS NEWS, 2018).

5 Old fashioned (CBS NEWS, 2018).

estados-nação e centralizá-los, termo este usado por grupos direitistas, tem início discursivo-político nos discursos dos movimentos *alt-right* estadunidenses fortemente incitados por Donald Trump e Steve Bannon. Embora Bannon e Trump tenham divergido posteriormente, a participação de Bannon na construção discursiva do movimento da nova extrema-direita americana é bastante significativa.

Os discursos de Bannon tiveram maior espaço no website Breitbart News – site criado por Andrew Breitbart, notório conservador americano e considerado por Bannon como a plataforma *alt-right* -, um espaço de notícias de comentários políticos de extrema direita do qual Steve Bannon foi presidente executivo. Em uma breve busca pela termo “*globalism*” no site Breitbart, encontramos 78 artigos opinativos inferindo o termo em diversos casos políticos. Nos discursos de Bannon e do portal Breitbart, os globalistas são pessoas a se combater, pois são infiltrados de conexões globais que querem destruir o país enquanto nação delimitada, tendo Bannon exclamado em um de seus discursos que: “os globalistas não têm respostas para a liberdade.” (BANNON apud WATKINS; GRAY, 2018, tradução nossa).⁶

Globalistas enquanto seres estrangeiros que ameaçam o estado interno e que conspiram a favor de um certo controle mundial (NEIWERT, 2017) tem conexões não só xenofóbicas, mas também tem características antisemitas. Termos como “banqueiros internacionais” que são usados para descrever tais globalistas, também fizeram parte da origem do antissemitismo quando judeus enquanto homens “sem pátria” e sem participação política ativa, mas dotados de poder financeiro, começaram a serem vistos como “parasitas” que danificavam a estrutura desejada no país e que supostamente procuravam assumir controle mundial. (ARENDRT, 1989).

Como resposta as queixas sobre o discurso anti-globalista de extrema direita ter teor xenofóbico e racista, Steve Bannon, em um encontro do partido de extrema direita francês *Rassemblement National* respondeu que: “Deixe-os chamá-los de racistas. Deixe-os chamá-los de xenófobos. Deixe-os chamá-los de nativistas. Usem isso como uma medalha de honra.” (BANNON apud FRANCE 24 ENGLISH, 2018, tradução nossa).⁷ Nota-se a ênfase no nacionalismo como força política da composição discursiva dos Estados Unidos de Donald Trump.

6 The globalists have no answer to freedom (BANNON apud WATKINS; GRAY, 2018).

7 Let them call you racists. Let them call you xenophobes. Let them call you nativists. Wear it as a badge of honor (BANNON apud FRANCE 24 ENGLISH, 2018).

Chegada ao Brasil como slogan político do governo de Jair Bolsonaro

No Brasil, o termo globalismo tomou força pelo pensamento do filósofo auto-didata conservador Olavo de Carvalho. Por meio de suas aulas de filosofia online e da publicação de seus livros de títulos como "O Mínimo que você precisa saber para não ser um idiota" e "O Imbecil Coletivo", Olavo de Carvalho ensinou termos como Gayzismo, Abortismo, assim como globalismo para tratar dessa alegada influência nociva esquerdista no pensamento e comportamento geral.

Adepto da teoria do marxismo cultural elaborada pela direita conservadora estadunidense nos anos 1980-1990 e diretamente influenciado por teóricos estadunidenses como William S. Lind, Olavo afirmou em uma entrevista que "a esquerda adotou uma tática muito inteligente criada pelo Antonio Gramsci, o pensador italiano. Consiste em dominar primeiro todo o universo da cultura, das idéias, da educação, antes de conquistar o poder" (CARVALHO apud VEJA, 2008).

Olavo de Carvalho fez desse pensamento conservador conspiracionista parte de seu pensamento pelo começo dos anos 1990, sendo notável a publicação da trilogia "A Nova Era e a Revolução Cultural" de 1994, "O Jardim das Aflições" de 1995 e "O Imbecil Coletivo" de 1996, caracterizadas pelo autor como "obras de combate". Destacamos sua publicação realizada no ano de 2002 no jornal O Globo intitulada "Do Marxismo Cultural". (MAGALHÃES, 2018).

Nesse artigo, segundo Olavo de Carvalho (2002) o suposto marxismo cultural de Gramsci, Lukács: "em vez de transformar a condição social para mudar as mentalidades, iria mudar as mentalidades para transformar a condição social." (CARVALHO, 2002) e que para Adorno e Marcuse (filósofos integrantes da Escola de Frankfurt, escola essa também acusada pela nova extrema direita de elaborar o marxismo cultural): "concluindo que a cultura ocidental era uma doença (...) a população ocidental deveria ser reduzida à condição de paciente de hospício e submetida a uma "psicoterapia coletiva." (CARVALHO, 2002).

Nota-se a ênfase que Olavo de Carvalho dá ao marxismo cultural enquanto ferramenta de algum tipo de controle mental, destacando o sentido conspiracionista do termo. Termo este que, diretamente relacionado ao globalismo, seria um modo silencioso do inimigo ter controle, não só internamente, mas enquanto dentro de uma agenda de interesses globais.

Tendo iniciado sua carreira de escritor em 1980 com publicações relacionadas a astrologia, foi só pelo fim dos anos 2000, começo dos anos 2010 que o pensamento de Olavo de Carvalho se tornou influente. O livro “O Mínimo que você precisa saber para não ser idiota” teve grande sucesso, entrando para listas de livros mais vendidos, vendendo mais de 300.000 exemplares. (COSTA; GHIROTTI, 2018) De notável sucesso entre o público brasileiro, a filosofia política de Olavo de Carvalho angariou amplo espaço de leitores fiéis, tornando-se importante peça da conjuntura política brasileira no momento do qual a população vivia momentos de descrença no sistema político em poder devido aos casos de corrupção do partido político então em poder, o Partido dos Trabalhadores, PT.

A relação entre Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro alegadamente começou por meio de vídeos de comentários controversos do então deputado federal do Rio de Janeiro Jair Bolsonaro, vídeos estes que se tornavam virais pela rede YouTube, aproximadamente pelo início dos anos 2010. Segundo Olavo, desde já Bolsonaro ganhou sua simpatia, tendo o considerado uma pessoa “sincera”. Porém, o encontro de fato só veio ocorrer em 2012, quando Flávio Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro e então deputado estadual do Rio de Janeiro, foi visitar Olavo em sua residência nos Estados Unidos para o entregar uma medalha de honraria do governo do Rio de Janeiro, medalha esta que existe como forma de reconhecimento por serviços prestados ao estado. Desde então, além das afinidades intelectuais que os dois lados partilhavam entre si, as relações entre Olavo de Carvalho e a família Bolsonaro se desenvolveram e se tornaram mais próximas. (COSTA; GHIROTTI, 2018).

Com seus comentários polêmicos e seu repúdio ao Partido dos Trabalhadores, assim como ao “comunismo” que segundo eles é força no cenário brasileiro como marxismo cultural, os personagens Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro se tornaram influentes no público de direita brasileira que buscava novos parâmetros, novas engrenagens políticas. Público esse que se distanciava do âmbito neoliberalista centrista de partidos de direita como o Partido da Social Democracia Brasileira, o PSDB, que aspirava por uma nova direita brasileira, que com a aproximação de Jair Bolsonaro com o pensamento de Olavo de Carvalho, foi concebida com forte apoio popular, elegendo Jair Bolsonaro como Presidente da República do Brasil.

Tendo Olavo de Carvalho dito que: “A influência intelectual é uma coisa, assim, que transcende e engloba a política. E eu já estou neste posto e estou muito contente com ele. Era o que eu queria ser quando crescesse. Já cresci e já sou.” (CARVALHO apud COSTA; GHIROTTI, 2018), sua influência no pensamento da política de Jair Bolsonaro, assim como no governo Bolsonaro, é notória. Proximidade e influência tal que se fez devidamente clara durante um jantar realizado na residência do embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Sérgio Amaral, evento este realizado durante a primeira visita de Jair Bolsonaro aos Estados Unidos enquanto presidente do Brasil. Neste jantar, Bolsonaro se encontrou com Olavo de Carvalho e Steve Bannon, sentando-se entre os dois, rente à mesa de jantar. (AMARAL, 2019).

Desta forma, foi por meio de uma indicação de Olavo de Carvalho, que Jair Bolsonaro nomeou Ernesto Araújo, então diplomata brasileiro, como seu Ministro das Relações Exteriores - tendo Olavo de Carvalho previamente compartilhado em suas redes sociais um artigo de Araújo chamado “Trump e o Ocidente”. Importante mencionar que também foi por meio de uma recomendação de Olavo de Carvalho à Jair Bolsonaro que Ricardo Vélez foi nomeado Ministro da Educação de seu governo. (O GLOBO, 2019).

Neste artigo, publicado em um Caderno de Política Exterior do Itamaraty, Araújo destaca Donald Trump como o único estadista que entende a verdadeira situação política atual de suposto desmontamento do ocidente, tendo Trump “uma visão de mundo que ultrapassa em muitas léguas, em profundidade e extensão” (ARAÚJO, 2017). Ensejando o nacionalismo como “indissociável da essência do ocidente” (ARAÚJO, 2017), menciona o nazismo e o fascismo como um tipo socialismo que deturpara o nacionalismo, que após as tragédias ocorridas, teriam feito com que o nacionalismo se tornasse inviável, pois teriam, segundo Araújo, posto a “culpa” somente na “parte” nacionalista e não na “parte” socialista de suas agendas. Araújo até mesmo põe entre parânteses que, em seu pensamento, o nazismo é um tipo de socialismo devido seu nome: “nazismo = nacionalsocialismo, ou seja, o socialismo nacionalista” (ARAÚJO, 2017).

Desta forma, segundo Araújo, o sentimento nacionalista que foi sufocado nas pessoas deve renascer, e que em Trump haveria uma recuperação dos valores do ocidente, do nacionalismo antes da “deturpação” que o socialismo teria implantado. Inscrevendo diver-

sos termos religiosos no texto, Araújo enseja uma “recuperação do passado simbólico, da história e da cultura das nações ocidentais”. Logo, ao afirmar que a essência da nacionalidade brasileira é ocidental, Araújo questiona se o Brasil se enquadraria em uma nova era política, de aspirações focadas no personagem Donald Trump: “Por que nos contentamos com tão pouco em nossa história? Ciclo do açúcar, ciclo do ouro, ciclo do café, império, república, ditadura, democracia e pronto. Nada mais?” (ARAÚJO, 2017).

Nesse artigo, Araújo menciona diretamente os termos globalismo e marxismo cultural enquanto inimigos da busca pelo resurgimento do nacionalismo e dos valores ocidentais e seus costumes: “Não por acaso o marxismo cultural globalista dos dias atuais promove ao mesmo tempo a diluição do gênero e a diluição do sentimento nacional: querem um mundo de pessoas “de gênero fluido” e cosmopolitas sem pátria” (ARAÚJO, 2017).

Em seu discurso de posse, Ernesto Araújo citado por Gragnani (2019), já fez menção ao termo globalismo, significando-o enquanto: “o ódio, através das suas várias ramificações ideológicas e seus instrumentos contrários à nação, contrários à natureza humana, e contrários ao próprio nascimento humano.” Também tendo dito que: “Não acreditem no que o globalismo diz quando diz que para ter eficiência econômica é preciso sufocar o coração da pátria e não amar a pátria”. (ARAÚJO apud GRAGNANI, 2019)

Nota-se a dualidade posta entre nacionalismo e globalismo, e como o termo globalismo se inseriu na conjuntura política brasileira por meio da nova extrema direita brasileira inspirada por Jair Bolsonaro. O movimento e pensamento político influenciado pelo governo Bolsonaro instrumentaliza a problemática globalista como base de sua política externa, onde o nacionalismo e a criação de um inimigo tem protagonismo, sendo a nação conservadora a prioridade; ao mesmo tempo que devido suas afinidades com o governo de Donald Trump, essa nação brasileira superior também encontra em si bastante de nação estadunidense conservadora.

Considerações finais

O termo globalismo não possui um significado definido, sendo assim um termo vago do qual pode ser utilizado e preenchido de diversas formas. Como parte dos discursos da nova extrema direita estadunidense e brasileira, o termo é utilizado como um modo

de delimitar um *outro* inimigo, um posicionamento a se combater. Desta forma, o termo globalismo se diferencia do termo globalização pois globalismo é geralmente usado como uma negação-de-si, ou seja, como parte de um discurso anti-globalista, enquanto a globalização existe conceitualizada como processo e realidade própria que se afirma.

Dentre seus vários significados dentre teóricos, o que mais se destaca é o significado do globalismo como teoria do colapso da globalização, ou seja, o globalismo como o necessário fim do processo de globalização que se é tido por alguns teóricos como nocivo; e principalmente a tese do globalismo como tipo de processo de globalização ideológica do qual existe uma agenda de apagamento de fronteiras econômicas, culturais e sociais em busca de um poder mais centralizado.

Com teor conspiracionista, o globalismo existiria como pauta de homens internacionais que visam maior controle sobre os países, em um distanciamento fatal dos estados nação. Como contraste completo do nacionalismo, o globalismo faria parte de uma agenda secreta marxista conceitualizada como "marxismo cultural", do qual uma suposta esquerda nociva acabaria, por meio de processos culturais e obscuros, com os costumes tradicionais, com os valores da fé cristã branca, assim como do amor a pátria, dentre outros.

Posicionando-se como combatente desse tal marxismo cultural, Donald Trump ensinou em seus discursos o termo globalismo enquanto uma luta que deveria ser travada por seu governo e pelo povo americano, em especial americano-caucasiano, contra um *outro*, um inimigo externo ou de pulsões externas, que age para acabar com o sistema ocidental tradicional em busca de desestabilizar a nação. Em meio ao seus lemas "*America First*" e "*Make America Great Again*", Donald Trump, junto ao movimento da nova extrema direita americana *alt-right* e seu ex-estrategista chefe Steve Bannon, introduziu no léxico do agir político o globalismo, assim como a busca pelo nacionalismo como um combate necessário ao suposto programa globalista.

No Brasil, fortemente influenciado por teóricos conservadores estadunidenses, o filósofo auto-didata Olavo de Carvalho implementou por meio de seus textos e de suas vídeo-aulas o globalismo como pauta a se discutir pela população brasileira. Tornando-se um pensador de grande sucesso junto ao público conservador brasileiro, ajudando a criar o movimento de nova extrema direita

brasileira, Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro, foram de encontro um ao outro, ajustando e adicionando ideologias, criando um forte movimento político que influenciaria as eleições presidenciais brasileiras de 2018, sendo Jair Bolsonaro eleito como novo Presidente da República do Brasil.

Sendo parte importante da política de Jair Bolsonaro, o termo globalismo assim como a tese do marxismo cultural pontuou diversos discursos e ações tomadas por seu governo. A mudança da política externa brasileira assim como das teses atuais de política internacional tiveram seus espaços tomados pelo discurso do globalismo enquanto nova maneira de enxergar a política internacional sob o governo Bolsonaro.

Ao nomear Ernesto Araújo como Ministro das Relações Exteriores, nomeação esta que teve enorme influência de Olavo de Carvalho, o termo globalismo como slogan político da nova extrema direita brasileira se potencializou. Nos discursos de Ernesto Araújo o termo globalismo encontra maior destaque, sendo a suposta luta contra esse presumido mal uma das maiores pautas de seu pensamento internacional. Desta forma, ao traçar tais direcionamentos por meio deste novo discurso em política externa no âmbito brasileiro, discorreremos que se é esperada uma mudança também no âmbito da ação política.

Analisamos que o globalismo enquanto slogan político do pensamento político brasileiro de extrema direita foi introduzido por Olavo de Carvalho, diretamente influenciado pelo pensamento conservador estadunidense dos anos 1980-1990, sendo parte da tese do marxismo cultural. Potencializado enquanto parte de um movimento político pela *alt-right* de Donald Trump e Steve Bannon, o termo globalismo surgiu com considerável força discursiva no cenário brasileiro do governo de Jair Bolsonaro, influenciado pelo pensamento de Olavo de Carvalho, assim como pelos Estados Unidos de Donald Trump e pelas articulações de Steve Bannon.

Concluimos que este slogan político existe como forma de criação de um *outro* inimigo que é peça fundamental do posicionamento da extrema direita como movimento que visa acabar com a deturpação dos valores morais que supostamente ferem suas nações e o ocidente em geral.

Mais do que uma busca pelos valores ocidentais e pelo ressurgimento do nacionalismo, o uso do termo globalismo pelos políticos e movimentadores da nova extrema direita brasileira existe

como um modo de se afirmar como um personagem justiceiro combatente de *algo* – mesmo que este algo não possua bases teóricas suficientes e que seu embasamento ocorra por meio de teses conspiratórias e informações distorcidas.

Referências

AMARAL, Luciana. De um lado, Bannon; do outro, Olavo: como foi o jantar de Bolsonaro nos EUA. **UOL NOTÍCIAS**. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/03/17/de-um-lado-bannon-do-outro-olavo-como-foi-o-jantar-de-bolsonaro-nos-eua.htm>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

ARAÚJO, Ernesto. About Me. **Blog Metapolítica 17**. [2018?] Disponível em: <<https://www.metapoliticabrasil.com/about>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

ARAÚJO, Ernesto. Os ignorantes e os instruídos. **Blog Metapolítica 17**. 2018. Disponível em: <<https://www.metapoliticabrasil.com/blog/os-ignorantes-e-os-instru%C3%ADdos>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

ARAÚJO, Ernesto. Trump e o Ocidente. **Cadernos de Política Exterior**. ano III, nº 6, 2017.

ARENDETT, Hannah. **As origens do Totalitarismo**. Companhia das Letras, 1989.

BBC NEWS BRAZIL. Quem é George Soros, o megainvestidor bilionário que virou alvo de militantes brasileiros. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44338827>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

CARVALHO, Olavo de. Do Marxismo Cultural. **O Globo**, 2002.

CARVALHO, Olavo de. A Revolução Globalista. **Digesto Econômico**, 2009.

CBS NEWS. **Trump: “You know what I am? I’m a nationalist”**. 2018. (1m46s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sazitj4x6YI>> Acesso em: 02 mar. 2019.

COSTA, Ana Clara; GHIROTTTO, Edoardo. Olavo de Carvalho: “Eu sou o segundo governo”. **Revista Veja**, 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/eu-sou-o-segundo-governo/>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

O GLOBO. **‘Recomendei o ministro Vêlez, mas se ele cometer erro ponham-no para fora’, diz Olavo de Carvalho**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/recomendei-ministro-velez-mas-se-ele-cometer-erro-ponham-no-para-fora-diz-olavo-de-carvalho-23515141>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

FRANCE 24 ENGLISH. **Steve Bannon at National Front rally: “Let them call you racists! Wear it as a badge of honour”**. 2018. (0m16s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=T6c3S1WJ-qE>> Acesso em: 08 mar. 2019.

GRAGNANI, Juliana. O que é ‘globalismo’, termo usado pelo novo chanceler brasileiro e por Trump? BBC News Brazil, 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46786314>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

GOLDFARB, Michael. Quem são os eleitores fiéis a Trump? **BBC News Brazil**, 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37826604>>. Acesso em: 02 mar. 2019.

HELD, David; MCGREW, Anthony et al. **The Global Transformations: Politics, Economics and Culture**. Stanford University Press, 1999.

HENNIGAN, W. J. 'We Reject Globalism.' President Trump Took 'America First' to the United Nations. **TIME Magazine**, 2018. Disponível em: <<http://time.com/5406130/we-reject-globalism-president-trump-took-america-first-to-the-united-nations/>> Acesso em: 08 mar. 2019.

MAGALHÃES, David. Quem tem medo do Globalismo? **Estadão**, 2018. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/quem-tem-medo-do-globalismo/>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

MIRRELES, Tanner. **The Alt-Right's Discourse of "Cultural Marxism": A Political Instrument of Intersectional Hate**. Atlantis Journal. Issue 39.1. 2018

NEIWERT, David. **Alt-America: The Rise of the Radical Right in the Age of Trump**. Estados Unidos da América: Verso, 2017.

POLLEIT, Thorsten. A diferença básica entre globalismo e globalização econômica: um é o oposto do outro. **MISES Brasil**. 2017. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2639>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

SAUL, John Ralston. **The Collapse of Globalism**. Canadá: Penguin Books, 2009.

SEN, Amartya. **How to judge Globalism**. The American Prospect, v. 13, Issue 1. 2002.

STEGER, Manfred. **Rethinking Globalism**. Estados Unidos da América: Rowman & Littlefield Publishers, Inc. 2004.

VEJA. **Uma entrevista com Olavo de Carvalho**. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/uma-entrevista-com-olavo-de-carvalho/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

WATKINS, Eli; GRAY, James. Bannon: "Let them call you racists". **CNN Politics**, 2018. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2018/03/10/politics/steve-bannon-national-front/index.html>> Acesso: 02 mar. 2019

Recebido em: 11.03.2019

Aprovado em: 26.03.2019